

Corpos antropofágicos em Liquidação Total

Mônica Fagundes Dantas (UFRGS)

GT: Pesquisa em Dança no Brasil

Palavras-chave: corpo dançante – corpo antropofágico – criação coreográfica

A utilização da noção de corpos dançantes como corpos antropofágicos se inscreve numa tentativa de articular problemáticas próprias à dança contemporânea – em particular a participação na criação coreográfica como fator de construção de corpos dançantes – à obra de certos coreógrafos brasileiros residentes em outros países, em particular à peça coreográfica de Sheila Ribeiro, *Liquidação total: gente usada e barata*. Este trabalho foi criado e apresentado na cidade de Montreal, Canadá, em colaboração com intérpretes canadenses e norte-americanos, com o nome de *Marché aux puces, nous sommes usagés et pas chers* (1999). Foi a primeira criação de Sheila em Montreal, junto com sua companhia, *dona orpheline danse*. Em 2001, *Marché aux puces* foi apresentado com o mesmo elenco, nas cidades de São Paulo, Campinas e Rio de Janeiro, com o nome de *Liquidação total: gente usada e barata*.

Nesta comunicação apresento uma parte de minhas reflexões desenvolvidas a partir de um estudo de viés etnográfico, realizado com a coreógrafa e com os bailarinos que participaram da criação da peça *Liquidação Total*. Assim, durante dois meses, em Montreal, observei os ensaios realizados como preparação para a turnê brasileira da peça. Quando do retorno da companhia a Montreal, realizei entrevistas com a coreógrafa e com os bailarinos. Utilizei também, como documentos auxiliares, programas de espetáculos, material de divulgação da companhia, matérias publicadas na imprensa escrita e artigos da crítica especializada. Este conjunto de informações foi organizado e analisado a partir da identificação de unidades de base e da posterior elaboração de categorias para interpretação.

Corpos dançantes como corpos antropofágicos

Corpos dançantes como corpos antropofágicos emergem neste trabalho como consequência da metodologia de pesquisa escolhida. Neste sentido, o estudo dos processos de realização de *Liquidação Total* – que compreende os procedimentos de criação, manutenção, interpretação, apresentação, adaptação e recriação da obra coreográfica – impuseram uma estrutura de análise baseada nas metáforas da ingestão, da digestão e da incarnação. Em outras palavras, numa lógica de assimilação. No seu sentido biológico, a assimilação é definida como a capacidade de um organismo vivo de sintetizar sua própria substância, retirando do meio exterior elementos variados, cindindo-os para reconstruir um protoplasma específico dotado de uma estrutura definida. Os corpos dançantes em *Liquidação Total* se reconfiguram sob a lógica da assimilação, servindo-se de elementos heteróclitos, decompondo-os, extraindo seus princípios, misturando-os e absorvendo-os para dar corpo a uma obra coreográfica.

Corpos dançantes como corpos antropofágicos aparecem também como consequência do contexto de realização desta pesquisa: fazendo doutorado em Montreal, num momento em que conceitos como

multiculturalismo, mestiçagem, hibridização, contaminação¹ eram constantemente evocados para tratar da produção artística contemporânea, achei importante revisitar a antropofagia. Como bem sabemos, o Manifesto antropófago escrito por Oswald de Andrade em 1928 difundiu os princípios da antropofagia. Ele retoma a idéia do canibalismo ritual praticado pelos índios da tribo Tupinambá e propõe a ação antropofágica: devorar a cultura estrangeira, digeri-la e assimilá-la seletivamente para restaurar seu próprio patrimônio cultural. Assim, passar da lógica da assimilação ao modo antropofágico foi um gesto e um desejo necessários.

As metáforas de consumo de carne humana são talvez metáforas violentas. Mas elas podem ser uma das estratégias de afirmação cultural, artística e política em países de economia periférica. Penso também que a antropofagia se distingue das noções de multiculturalismo, impureza, hibridização, porque, menos demagógica e consensual, oferece a experiência de uma violência transformada. Se em geral, autores estrangeiros que escrevem sobre arte e cultura brasileiras têm a tendência a interpretar a maior parte da nossa produção como herdeira da antropofagia, também é verdade que ela vem sendo utilizada para pensar a arte atual num contexto de globalização, inspirando a mimesis cultural de Jeudi (1999) e a antropofagia no ciberespaço de Schütz (2000).

Corpos antropofágicos em Liquidação Total

Liquidação Total se estrutura em três partes : *Haleine, Todo mundo pega trem e Princesa*. Ao longo da peça, cenas curtas se sucedem, sem uma aparente conexão entre elas, resultando numa *mise en scène* descontínua. A peça explora o valor comercial dos seres humanos – “eu queria colocar todo mundo numa vitrine e expor seus dotes”, relata a coreógrafa em entrevista (RIBEIRO, 2001, p. 3). O tema serve como pretexto para a investigação coreográfica, fazendo da sedução, da vulnerabilidade, dos desafios impossíveis, do erro, da exibição das qualidades e da fraquezas de cada um os *leitmotifs* da criação.

Sheila Ribeiro tem uma formação eclética – da dança contemporânea ao teatro físico, do butoh à dança clássica, do vídeo à dança do ventre – e reivindica seu pertencimento ao mundo da dança, assim como sua identificação às correntes artísticas que se desenvolvem nas metrópoles de países pobres. Em *Liquidação total* ela também participa como bailarina. Os demais intérpretes da peça também possuem uma formação diversificada: Louis Pelchat tem formação em dança contemporânea e é praticante e professor de *Authentic Movement*²; Maryse Richard tem formação em dança africana, yoga e pratica meditação; Nancy Rivest tem formação em balé e em dança contemporânea e Chirs Kauffman tem formação de ator, com ênfase em teatro físico.

¹ A partir dos anos 1980, a produção de obras com este tema se expandiu consideravelmente. Nos Estados Unidos e no Canadá, “cultural studies” e “post-colonial studies” fazem a apologia da hibridização e permitem a emergência do discurso dos colonizados. Na Europa, publicam-se obras como *L’impureté* (Scarpetta, 1985), *Le Métissage* (La Plantine e Nouss, 1997), *La pensée métisse* (Gruzinski, 1999), favoráveis aos sincretismos e, ao mesmo tempo, autores como Filkenkraut (1987) que denunciam a dissolução da cultura clássica européia.

² Método que tem por objetivo, através do desenvolvimento da consciência cinestésica, proporcionar ao praticante aceder e expressar sua vida interior, partindo do princípio que o movimento é a personalidade tornada visível.

Eu diria que, à exemplo da antropofagia, que sugere a assimilação da substância do objeto devorado para realizar novas sínteses, a coreógrafa e os intérpretes de *Liquidação Total* assimilam os princípios (ou a substância) das diferentes práticas citadas acima para configurar seus corpos dançantes. Assim, os princípios organizadores da matéria corporal próprios a cada prática são utilizados à medida em que respondem a necessidades poéticas, ou seja, eles estão à serviço da obra. De resto, no produto final – a obra coreográfica – estas práticas são pouco reconhecíveis, pois elas foram digeridas e incorporadas à coreografia. A digestão destas práticas, por sua vez, acontece principalmente nos corpos dos bailarinos, engendrando novos corpos dançantes. Deste modo, muitos dos procedimentos utilizados em *Liquidação Total* solicitam o engajamento dos bailarinos, pois eles devem buscar na sua intimidade os materiais para a criação e a interpretação da coreografia. Ao mesmo tempo, eles devem aceitar e absorver o universo poético e as estratégias criativas propostas pela coreógrafa. No entanto, a reconfiguração dos corpos dançantes em *Liquidação Total* não conduz a uma uniformização dos bailarinos, pois a estrutura da peça e a maioria dos ensaios – centrados nos solos ou trios que compõem a coreografia – permitiram um trabalho quase individualizado de cada intérprete. Desse modo, cada bailarino pode se apropriar e digerir as proposições da coreógrafa segundo suas perspectivas e seus desejos, o que lhes permitiu realizar suas próprias sínteses, incorporando-as à peça. Estes corpos dançantes parecem bons exemplos de corpos antropofágicos, pois ingerem, digerem e incorporam seletivamente uma variedade de experiências para se reorganizarem e engendrarem novas criações. Além disso, os corpos antropofágicos em *Liquidação Total* guardam suas singularidades.

Considerações finais

Corpos dançantes como corpos antropofágicos se afirmam afirmando os poderes do corpo: é o corpo que reúne e que unifica as experiências, sejam elas experiência em dança ou experiências de vida. Assim, as práticas sexuais, a expressão dos afetos, as técnicas de dança, os procedimentos de criação artística, o fato de “dançar na festa”, as atividades silenciosas como a yoga e a meditação, e tantas outras experiências alimentam os corpos dançantes, prontos a reconfigurarem-se como corpos antropofágicos. Nesse sentido, considero importante evocar Rolnik (1998), para quem uma das características do modo antropofágico é “[...] a errância do desejo que vai fazendo suas conexões guiado predominantemente pelo ponto de vista da vibratibilidade do corpo e sua vontade de potência” (p. 136). O corpo vibrátil – corpo antropofágico – reconfigura o mundo tal como ele se apresenta ao corpo, por meio de um conhecimento que se dá por vibração e contaminação, diferente de um conhecimento por representação e imitação.

Corpos dançantes como corpos antropofágicos não são exclusivamente brasileiros. Os processos de criação e interpretação em *Liquidação Total* engendram corpos antropofágicos pela mistura de diferentes referências corporais e de movimento, de diversas matrizes técnicas e pela utilização de procedimentos de criação variados. Em *Liquidação Total*, estas proposições são experimentadas por bailarinos brasileiros, canadenses e norte-americanos. Há amálgamas e transformações, mas há também um certo distanciamento, necessário para se jogar com a ironia e o sarcasmo presentes na peça, como no caso do bailarino canadense

que faz uma *drag queen*, que dubla Alcione (“não posso mais alimentar a esse amor tão louco”) e que de repente retorna a estados de corpo próximos aos do *Authentic Movement*.

Referências

ANDRADE, Oswald de. **A utopia antropofágica**. São Paulo: Globo, 1995.

GRUZINSKI, Serge. **La pensée métisse**. Paris : Fayard, 1999.

LAPLANTINE, François e NOUSS, Alexis. **Le Métissage**. Paris : Flammarion, 1997.

JEUDI, Henry-Pierre. **Les usages sociaux de l’art**. Paris : Circé, 1999.

FILKENKRAUT, Alain. **La défaite de la pensée**. Paris:Gallimard, 1987.

RIBEIRO, Sheila. **Entrevista concedida à autora**. Montreal, 17 de julho de 2001.

ROLNIK, Sueli. Subjetividade Antropofágica. In HERKENHOFF, Paulo e PEDROSA, Adriano (Edit.) **Arte contemporânea brasileira: Un e/entre Outros**, XXIV Bienal Internacional de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1998. p. 128-147.

SCARPETTA, Guy. **L’impurété**. Paris : B. Grasset, 1985.

SCHÜTZE, Bernard Andreas. Cannibales en ligne. **Le magazine électronique du CIAC**. n. 10. <http://www.ciac.ca/magazine/perspective.html>, março 2000.